

## OBSERVATÓRIO PLURALIDADES

### PINT OF SCIENCE E AS MULHERES NA CIÊNCIA

*Tainah Simões Sales Thiago \**

O Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO) promoveu, entre os dias 19 e 21 de maio de 2025, a segunda edição do *Pint of Science*, o maior evento de divulgação científica em bares do mundo, realizado em dezenas de países e, no Brasil, em mais de cem cidades. Na oportunidade, foram discutidos diversos assuntos relevantes para a comunidade acadêmica e para a sociedade em geral, e o tema “Mulheres na Ciência” foi escolhido para inaugurar o evento.

O tópico é de grande relevância tendo em vista os dados que escancaram desigualdades que ainda persistem no mercado de trabalho, refletindo um passado que ainda se faz presente. Segundo dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT), para cada dólar que um homem ganha, a mulher recebe 51 centavos para realizar as mesmas funções (2023, online).

Em pesquisa realizada pelo Fórum Econômico Mundial durante a pandemia (2020), registrou-se que 1 (uma) a cada 4 (quatro) mulheres mães considerou reduzir a sua jornada ou pedir demissão. Em homens pais, o percentual foi 1 (um) em cada 11 (onze). Se antes da pandemia a previsão era de quase 100 anos para equiparação entre gêneros no mercado de trabalho, depois da pandemia saltou para 135.

O que justifica essas desigualdades no mercado em geral e, de modo mais específico, nas ciências?

Durante muito tempo, os espaços de pesquisa e de educação superior foram negados às mulheres. A primeira universidade que se tem registro foi criada no Marrocos, no século IX. Na Europa, estas foram instituídas a partir do século XI, sendo a primeira a de Bolonha, em 1088, entretanto apenas homens podiam frequentá-las. Mulheres somente tiveram acesso ao ensino superior no século XIX (PERROT, 2007). São mais de 800 anos de exclusão. São incontáveis os talentos desperdiçados, mulheres geniais que simplesmente não tiveram acesso a bibliotecas, laboratórios, a cursos profissionalizantes, a uma educação técnica e de qualidade para desempenharem papéis relevantes para o universo científico.

Como não vai haver desigualdade entre homens e mulheres nas mais diversas profissões e ramos da ciência se até pouco tempo éramos totalmente excluídas desses espaços?

No Brasil, como se sabe, a lógica da hierarquização entre homens e mulheres foi um dos pilares da formação da sociedade, assim como a hierarquização em razão de raça. O patriarcalismo, assim como o racismo, são sistemas fundantes das estruturas sociais e institucionais do país. Desse modo, os ambientes educacionais também refletiam essas desigualdades.

As primeiras universidades foram instituídas com a chegada da Família Real a partir de 1808, porém o acesso não foi conferido de imediato às mulheres. Estas

somente tiveram acesso ao ensino superior no final do século XIX, assim como o fim da escravidão também remonta a este período. Em 1815, Debret dizia que a educação fundamental feminina (branca) "se restringia a recitar preces de cor e a calcular de memória sem saber escrever ou fazer as operações" (RIBEIRO, 2000). Mulheres não aprendiam matemática. Entendia-se que elas não precisavam de tanta informação.

Eram ditos populares, durante o Brasil Colônia e Império, que "mulher que sabe muito é mulher atrapalhada pra ser mãe de família", "mulheres, saibam pouco ou não saibam nada" e "mulher honrada deve ser sempre calada" (RIBEIRO, 2000).

O Decreto Imperial que instituiu o ensino público no país, de 1827 – que, inclusive, é o marco que inspira o Dia dos Professores – dizia expressamente que mulheres não deveriam ensinar matemática. Compreendendo a história, é possível perceber de onde vem as razões dos estereótipos e dos preconceitos sofridos com mulheres nessas áreas até hoje. Não é de se estranhar que a produção científica feminina é maior em áreas como Enfermagem (80%), Farmacologia, Toxicologia e Farmacêutica (62%) e Psicologia (61%) – áreas relacionadas aos papéis de cuidado - enquanto é menor em áreas como Matemática (19%), Ciência da Computação (21%) e Engenharia (24%). (2024, online). Dizia-se que elas não deveriam se ocupar nas ciências exatas "para não embrutecer" (RIBEIRO, 2000).

Porém isso não significa dizer que todas as mulheres na história se submeteram a estas imposições. Segundo Michelle Perrot (2007), muitas atuaram "nas brechas", nas "zonas proibidas", e foram efetivamente agentes na construção do conhecimento científico.

Cito aqui como exemplo Christine de Pizan, uma filósofa italiana que escreveu, em 1405: "o primeiro ato de rebeldia das mulheres foi o de querer ler. O segundo, o de aprender a ler. Porque ler é saber". Esta filósofa é pouco conhecida em razão do chamado *memoricídio*, que também é uma estratégia do patriarcado: o silenciamento proposital de mulheres que não se restringiram à esfera privada, uma vez que fugiam do padrão desejado.

Não se pode deixar de citar também Marie Curie, que descobriu a radioatividade em 1898 e é vencedora do Prêmio Nobel (a primeira mulher a ganhar e a primeira pessoa a ganhar dois, um em química e um em física), mesmo sem receber bolsa de pesquisa, salário, e ter filiação a uma instituição. O marido também era cientista e, juntos, eles revolucionaram a ciência neste campo, com avanços para a medicina também (raio-X, descoberta e tratamento de cânceres etc.).

A respeito do tema, há um livro muito interessante chamado *A Ridícula ideia de nunca mais te ver*, de Rosa Montero, que escreveu a história da Marie Curie a partir dos diários escritos pela própria cientista. Nesses textos, ela fala sobre como honrou o pai, que era físico, e como também honrou a mãe, pois não "acabaria trancada na triste gaiola da vida doméstica", nas palavras da própria Marie. Eram conselhos da mãe: "seja livre, independente, faça por mim tudo o que eu não pude fazer. Seja outro tipo de mulher. Seja uma mutante. Essa fêmea sem lugar, ou em busca de outro lugar". Ela conta também que as mulheres que quisessem circular livremente pelo mundo tinham de se disfarçar de homens, usando pseudônimos, por exemplo.

Apesar de inúmeros avanços e do aumento significativo do espaço das mulheres no mercado e nas universidades desde então, constata-se, ainda, grandes marcas do passado. Os dados citados demonstram isso, além dos casos de assédio moral em razão do gênero e do assédio sexual contra mulheres nos ambientes de trabalho. Porém o presente é tempo também de importantes rupturas. Prova disso é o fato de ter oportunidade de discutir tais questões no *Pint of Science* e de poder retratar uma parte desta história de injustiças mediante estas breves palavras.

## Referências

CNN Brasil. **Participação feminina na ciência brasileira cresce 29% em 20 anos, diz relatório.** Disponível em: [https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/participacao-feminina-na-ciencia-brasileira-cresce-29-em-20-anos-diz-relatorio/#:~:text=A%20produ%C3%A7%C3%A3o%20cient%C3%ADfica%20feminina%20%C3%A9,%25\)%20e%20Engenharia%20\(24%25\)](https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/participacao-feminina-na-ciencia-brasileira-cresce-29-em-20-anos-diz-relatorio/#:~:text=A%20produ%C3%A7%C3%A3o%20cient%C3%ADfica%20feminina%20%C3%A9,%25)%20e%20Engenharia%20(24%25).). Acesso em 30 de maio de 2025.

EL PAÍS. **A dificuldade de ser mãe trabalhadora em plena pandemia.** 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-10-13/a-dificuldade-de-ser-mae-trabalhadora-em-plena-pandemia.html> Acesso em 30 de maio de 2025.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Mulheres Educadas na Colônia. IN: LOPES, Eliane, M.T; Faria F°, Luciano M. e VEIGA, Cynthia G. (Orgs ). **500 anos de educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 79 - 84p., 2000.

UNITED NATIONS. **OIT: desigualdades de gênero no emprego são maiores do que se pensava.** 2023. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/03/1810927>. Acesso em: 30 de maio de 2025.

---

\* *Tainah Simões Sales Thiago*. Doutora em Direito pela Universidade Federal do Ceará (2019) c/ realização de Doutorado Sanduíche na Aix Marseille Université (França). Atualmente é Professora do Curso de Direito do Unifeso e membro do Núcleo de Direitos Humanos. E-mail: [tainahthiago@unifeso.edu.br](mailto:tainahthiago@unifeso.edu.br). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5007416477494880>